

# Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO IV

SETEMBRO DE 1861

Nº 9

## O Estilo é o Homem

POLÊMICA ENTRE VÁRIOS ESPÍRITOS

(Sociedade Espírita de Paris)

Na sessão da Sociedade, de 19 de julho do corrente ano, o Espírito Lamennais deu espontaneamente a dissertação que se segue, sobre o aforismo de Buffon: *O estilo é o homem*, por intermédio do Sr. Didier, médium. Julgando-se atacado, Buffon replicou alguns dias mais tarde, servindo-se do Sr. d'Ambel. Depois, sucessivamente, o Visconde de Launay (Sra. Delphine de Girardin), Bernardin de Saint-Pierre e outros entraram na liça. É esta polêmica, tão curiosa quanto instrutiva, que reproduzimos integralmente. Notar-se-á que não foi provocada, nem premeditada e que cada Espírito veio espontaneamente nela tomar parte. Lamennais abriu a discussão; os outros o seguiram.

DISSERTAÇÃO DE LAMENNAIS

(Médium – Sr. A. Didier)

Há no homem um fenômeno muito estranho, a que chamo de fenômeno dos contrastes. Refiro-me, antes de tudo, às

naturezas de escol. De fato as encontrareis no mundo dos Espíritos, cujas obras poderosas divergem estranhamente da vida privada e dos hábitos de seus autores. Disse o Sr. Buffon: *O estilo é o homem*. Infelizmente, esse grão-senhor da elegância e do estilo encarava os demais autores exclusivamente do seu ponto de vista. Aquilo que podia perfeitamente aplicar-se a ele está longe de ser aplicado a todos os outros escritores. Tomamos aqui o vocábulo estilo em sentido mais amplo e na sua mais larga acepção. Em nossa opinião, o estilo será a maneira grandiosa, a forma mais pura pela qual o homem apresentará suas idéias. Todo o gênio humano está aqui, diante de nós e, com uma vista d'olhos, contemplamos todas as obras da inteligência humana: poesia na arte, na literatura e na Ciência. Longe de dizer como Buffon: O estilo é o homem, talvez diremos, de maneira menos concisa, menos significativa, que o homem, por sua natureza mutável, difusa, contestadora e revoltada, muitas vezes escreve contrariamente à sua natureza original, às suas primitivas inspirações. Direi mesmo mais: em oposição às suas crenças.

Muitas vezes, lendo as obras de alguns dos grandes gênios de um ou de outro século, nós nos dizemos: Que pureza! Que sensibilidade! Que crença profunda no progresso! Que grandeza! Depois se sabe que o autor, longe de ser o *autor moral* de suas obras, não é senão o *autor material*, imbuído de prejuízos e idéias preconcebidas. Aí está um grande fenômeno, não apenas humano, mas espírita.

Muito freqüentemente, pois, o homem não se reflete em suas obras. Diremos, também, quantos poetas debilitados, embrutecidos, e quantos artistas desiludidos sentem, de repente, uma centelha divina a iluminar-lhes a inteligência! Ah! é que então o homem escuta algo que não vem dele mesmo; ouve o que o profeta Isaías chamava o *pequeno sopro*, e que nós chamamos os Espíritos. Sim, eles sentem em si essa voz sagrada, mas, esquecendo Deus e a sua luz, a atribuem a si mesmos; recebem a graça na arte

como outros a recebem na fé, e algumas vezes ela toca os que pretendem negá-la.

*Lamennais*

**RÉPLICA DE BUFFON**

(Médium – Sr. d'Ambel)

Disseram que fui um gentil-homem das letras e que meu estilo, muito apuradinho, cheirava a pó-de-arroz e a tabaco da Espanha. Não é a consagração mais certa dessa verdade: *O estilo é o homem?* Embora tenham exagerado um pouco, representando-me com a espada ao lado e a pena à mão, confesso que gostava das belas coisas, das roupas adornadas com lantejoulas, das rendas e dos casacos vistosos, em suma, de tudo quanto fosse elegante e delicado. É, pois, muito natural que sempre me vestisse com elegância, razão por que meu estilo traz o sinete do bom-tom, esse perfume de boa companhia que se encontra igualmente em nossa grande Sévigné. Que quereis? Sempre preferi os saraus e os pequenos salões das damas elegantes aos cabarés e às assembléias tumultuosas de baixa categoria. Permitir-me-eis, pois, apesar da opinião emitida por vosso contemporâneo Lamennais, manter meu judicioso aforismo, apoiando-o com alguns exemplos tomados entre vossos autores e filósofos modernos.

Uma das desgraças de vosso tempo é que muitos fizeram da pena uma profissão. Mas deixemos esses artistas da pena que, semelhantes aos artistas das palavras, escrevem indiferentemente pró ou contra tal idéia, conforme são pagos, e gritando segundo o tempo: *Viva o rei! Viva a Liga!*<sup>39</sup> Deixemo-los. Esses não são, para mim, autores sérios. Vejamos, abade: não vos ofendais se tomo a vós mesmo como exemplo. Vossa vida, bem ou

39 **N. do T.:** *Liga* – Alusão ao movimento político-religioso que se opôs a Henrique III (Valois) e prosseguiu contra seu sucessor e ex-cunhado, Henrique IV (Bourbon), no período mais exacerbado das chamadas *Guerras de Religião*, na França.

mal fundamentada, não se reflete sempre em vossas obras? E da *indiferença em matéria de religião às palavras de um crente*, que contraste, como dizeis! Todavia, vosso tom doutoral é tão categórico, tão absoluto, numa como noutra dessas obras. Haveis de concordar que sois bilioso, padre, e destilais vossa bile em amargos lamentos, em todas as belas páginas que deixastes. Em sobrecasaca abotoada, como em sotaina, ficastes desclassificado, meu pobre Lamennais. Ora, vamos, não vos zangueis, mas convinde comigo que *o estilo é o homem*.

Se passo de Lamennais a Scribe, o homem feliz se reflete nas tranqüilas e pacíficas comédias de costumes. Ele é alegre, feliz e sensível: semeia a sensibilidade, a alegria e a felicidade em suas obras. Nele, jamais o drama, jamais o sangue; apenas alguns duelos sem perigo, para punir o traidor e o culpado.

Vede em seguida Eugène Sue, o autor dos *Mistérios de Paris*. É forte como seu príncipe Rodolfo; como ele, aperta em sua luva amarela a mão calejada do operário e, também como ele, é o advogado das causas populares.

Vede o vosso Dumas vagabundo, malbaratando a vida e a inteligência; indo do pólo sul ao pólo norte tão facilmente quanto seus famosos mosqueteiros; fazendo-se conquistador com Garibaldi e indo da intimidade do Duque de Orléans aos pedintes napolitanos; fazendo romances com a história e pondo a história em romances.

Vede as obras orgulhosas de Victor Hugo, esse protótipo do orgulho encarnado. *Eu, eu*, diz Hugo poeta; *eu, eu*, diz Hugo em seu rochedo de Jersey.

Vede Murger, esse poeta lírico dos costumes fáceis, representando conscientemente seu papel nessa boemia que cantou. Vede Nerval, de cores estranhas, de estilo espalhafatoso e incoerente, fazendo *fantasia* com sua vida, como o fez com sua

pena. Quantos deixo, e dos melhores, como Soulié e Balzac, cujas vidas e obras seguem caminhos paralelos! Mas creio que estes exemplos serão suficientes para não mais repelirdes, de modo tão absoluto, o meu aforismo: *O estilo é o homem.*

Não teríeis, caro abade, confundido a forma e o fundo, o estilo e o pensamento? Mas, ainda aí, tudo se acomoda.

*Buffon*

**PERGUNTAS DIRIGIDAS A BUFFON A PROPÓSITO  
DE SUA COMUNICAÇÃO**

P. – Agradecemos a espirituosa comunicação que houvestes por bem nos dar. Contudo, há algo que nos surpreende: é que estais a par dos mínimos detalhes da nossa literatura, apreciando obras e autores com notável precisão. Então ainda vos ocupais com o que se passa na Terra, desde que conheceis tudo isso? Ledes, pois, tudo quanto se publica? Tende a bondade de dar uma explicação, que será muito útil à nossa instrução.

*Resp.* – Não precisamos de muito tempo para ler e apreciar; num único golpe de vista apanhamos o conjunto das obras que nos atraem a atenção. Todos nós nos ocupamos com muito interesse do vosso caro grupinho; daqueles a quem chamais homens eminentes, não acreditaríeis quantos acompanham, com benevolência, os progressos do Espiritismo. Assim, podeis pensar quanto me senti feliz por ver meu nome pronunciado por Lamennais, um de vossos fiéis Espíritos, e com que agilidade aproveitei a ocasião para me comunicar convosco. Com efeito, quando fui posto em causa em vossa última sessão, recebi, por assim dizer, o contragolpe do vosso pensamento e, não querendo que a verdade que eu havia proclamado em meus escritos fosse derrubada sem ser defendida, roguei a Erasto que me emprestasse seu médium para responder às asserções de Lamennais. Por outro lado, deveis compreender que cada um de nós permanece fiel às suas preferências terrenas, razão por que nós outros, escritores,

estamos atentos ao progresso realizado pelos autores vivos, ou que eles pensam realizar na literatura. Assim como os Jouffroy, os Laroque, os la Romiguière se preocupam com a filosofia, e os Lavoisier, os Berzélius, os Thénard com a química, cada um cultiva a sua mania e se recorda com amor de seus trabalhos, acompanhando com olhar inquieto o que fazem seus sucessores.

P. – Em poucas palavras apreciastes vários escritores contemporâneos, mortos ou vivos. Seríamos muito reconhecidos se nos désseis, sobre alguns deles, uma apreciação um pouco mais desenvolvida e mais metódica; seria muito útil para nós. Para começar, pediríamos que falásseis de Bernardin de Saint-Pierre, principalmente de seu *Paulo e Virgínia*, cuja leitura havíeis condenado e que, no entanto, se tornou uma das obras mais populares.

*Resp.* – Não posso aqui empreender o desenvolvimento crítico das obras de Bernardin de Saint-Pierre. Quanto à apreciação que fiz naquela época, posso confessá-lo hoje: eu era, como o Sr. Josse, um tanto perfeccionista; numa palavra, fiel ao espírito de camaradagem literária, desancava o quanto podia um importuno e importante concorrente. Mais tarde vos darei a minha verdadeira apreciação sobre esse eminente escritor, caso um Espírito realmente crítico, como Merle ou Geoffroy, não se encarregue de o fazer.

*Buffon*

#### DEFESA DE LAMENNAIS PELO VISCONDE DE LAUNAY

(Médium – Sr. d'Ambel)

*Nota* – Na conversa havida na Sociedade sobre as comunicações precedentes, foi pronunciado o nome da Sra. de Girardin, a propósito do assunto em discussão, embora não tenha sido mencionada pelos Espíritos interlocutores. É o que explica o começo da nova intervenção.

– Nas últimas sessões, senhores espíritas, vós me pusestes ligeiramente em causa e creio que me destes o direito, como se diz no Tribunal, de intervir nos debates. Não foi sem prazer que ouvi a profunda dissertação de Lamennais e a resposta um tanto incisiva do Sr. Buffon. Mas falta uma conclusão a essa troca de argumentos. Assim, intervenho e me arvoreo em juiz de campo, estribado na minha autoridade particular. Aliás, pedíeis um crítico. Respondo-vos: Cuidado ao me envolverdes nesta questão, porquanto, se bem vos lembrais, em vida desempenhei, de maneira considerada magistral, esse temível posto de crítico executivo. Agrada-me imensamente retornar a esse terreno tão amado. Assim, pois, era uma vez... mas, não; deixemos de lado as banalidades do gênero e entremos seriamente no assunto.

Senhor de Buffon, satirizais de maneira graciosa; vê-se logo que procedeis do grande século. Mas, por mais elegante que sejais como escritor, um visconde de minha raça não teme aceitar o desafio e enfrentar a pena convosco. Vamos, meu gentil-homem! Fostes muito duro para com esse pobre Lamennais, que tratastes como desclassificado! É culpa desse gênio extraviado se, depois de haver escrito com mão de mestre esse estudo admirável que lhe censurais, tenha-se voltado para outras regiões, para outras crenças? Certamente, as páginas da *Indiferença em matéria de religião* seriam assinadas com ambas as mãos pelos melhores prosadores da Igreja; mas se essas páginas permaneceram de pé quando o padre perdeu as estribeiras, não reconheceis a causa, logo vós, tão rigoroso? Ah! olhai Roma, lembrai-vos de seus costumes dissolutos e tereis a chave dessa reviravolta que vos surpreendeu. Oh! Roma está tão longe de Paris!

Os filósofos, os investigadores do pensamento, todos esses rudes e incansáveis trabalhadores do *em* psicológico jamais devem ser confundidos com os escritores de estilo impecável. Estes escrevem para o deleite do público, aqueles para a ciência impenetrável; estes últimos não se preocupam senão com a verdade;

os outros não se vangloriam de ser lógicos: fogem à uniformidade. Em suma, o que buscam é o que vós mesmos buscáveis, meu belo senhor, isto é, a divulgação, a popularidade e o sucesso, que se resumem em belos escudos. Aliás, salvo isto, vossa resposta espirituosa é por demais verdadeira para que eu não a aplaudisse com todo o prazer. Apenas aquilo pelo qual tornais o indivíduo responsável, eu transfiro a responsabilidade ao meio social. Enfim, eu tinha de defender o meu contemporâneo que, como bem o sabeis, não participou de saraus, não freqüentou cabarés, não transitou pelos pequenos salões das damas elegantes, nem, muito menos, tomou parte nas assembléias tumultuosas de baixa categoria. Alcandorado em sua mansarda, sua única distração era esmigalhar o pão e oferecer os pedacinhos aos pardais barulhentos que o vinham visitar em sua cela da rua de Rivoli. Mas sua suprema alegria era sentar-se defronte da mesa pouco firme e fazer a pena vagar sobre as folhas virgens de um caderno de papel!

Oh! certamente teve razão para se lamentar esse grande Espírito doente que, para evitar a sujidade de um século material, havia esposado a Igreja Católica e que, após tê-lo feito, encontrou a sujeira sentada nos degraus do altar. É culpa sua se, lançado jovem entre as mãos do clero, não pôde sondar a profundidade do abismo onde o precipitavam? Sim, ele tem razão de manifestar os seus amargos lamentos, como dizeis. Não é a imagem viva de uma educação mal dirigida e de uma vocação imposta?

Padre renegado! Sabeis quantos burgueses ineptos lhe hão lançado ao rosto essa injúria, porque obedeceu às suas convicções e ao impulso da consciência? Ah! crede-me, feliz naturalista, enquanto corréis atrás das mulheres e a vossa pena, célebre pela conquista do cavalo, era elogiada por lindas pecadoras e aplaudida por mãos perfumadas, ele subia penosamente o seu Gólgota! Porque, assim como o Cristo, sorveu o cálice da amargura e carregou com dificuldade a sua cruz!

E vós, Sr. Buffon, não ofereceis um pouco o flanco à crítica? Vejamos. Ora essa! Vosso estilo é fanfarrão, como vós e, como vós, todo vestido de ouropéis! Mas, então, que intrépido viajante não fostes? Visitastes países!... não; bibliotecas desconhecidas? Que pioneiro infatigável! Desbravastes florestas!... não; manuscritos inéditos, jamais vistos! Reconheço que cobristes os vossos ricos despojos com um verniz brilhante, que é bem vosso. Mas de todos esses volumes enfadonhos, o que há de seriamente vosso como estudo, como fundo? A história do cão, do gato ou do cavalo, talvez? Ah! Lamennais escreveu menos que vós, mas tudo é realmente dele, Sr. Buffon: *a forma e o fundo*. Outro dia vos acusavam de haver ignorado o valor das obras do bom Bernardin de Saint-Pierre. Desculpaste-vos um tanto jesuiticamente; mas não dissestes que se recusastes vitalidade a *Paulo e Virgínia* foi porque, em obras desse gênero, ainda não estáveis na *Grande Scudéri*, no *Grande Cyrus* e no país do *Tendre*, enfim, em todos esses trastes sentimentais, que fazem tanto bem hoje aos alfarrabistas, esses negociantes de roupas da literatura. Ah! Sr. Buffon, começais a cair muito baixo na estima desses senhores, ao passo que o utopista Bernardin conservou uma posição elevada. A *Paz Universal*, uma utopia! *Paulo e Virgínia*, uma utopia! Vamos, vamos! Vosso julgamento foi anulado pela opinião pública. Não falemos mais disso.

Palavra de honra, tanto pior! Pusestes a pena em minha mão; uso-a e abuso. Isto vos ensinará, caros espíritas, a vos inquietardes com uma mulher pedante e aposentada como eu, e a pedir notícias minhas. Esse caro Scribe nos chegou de todo estupefato com esses últimos meio-sucessos; queria que nos erigíssemos em Academia. Falta-lhe a palma verde. Era tão feliz na Terra que ainda hesita em assumir a sua nova posição. Ah! ele se consolará vendo que suas peças voltam a ser apresentadas e, por algumas semanas, não aparecerá mais.

Ultimamente Gérard de Nerval vos deu uma encantadora fantasia inacabada. Esse Espírito caprichoso irá

terminá-la? Quem sabe! Todavia, queria concluir que o verdadeiro do sábio não estando no verdadeiro, o belo do pintor não estando no belo e a coragem da criança sendo mal recompensada, ele fez muito bem em seguir os desvios de sua cara *Fantasia*.

*Visconde de Launay (Delphine de Girardin)*

*Nota* – Ver mais adiante *Fantasia*, por Gérard de Nerval.

#### RESPOSTA DE BUFFON AO VISCONDE DE LAUNAY

Convidais-me a voltar a um debate ao qual firmemente recusei, por não ter o que dizer. Confesso que prefiro ficar no ambiente sossegado onde me encontrava a me expor a semelhante incômodo. Em meu tempo a gente participava de uma brincadeira mais ou menos ateniense, mas hoje, que horror! vai-se a golpes de chicote chumbado. Obrigado! eu me retiro; tenho mais do que preciso, pois ainda estou completamente marcado pelos golpes do visconde. Havereis de concordar que, embora me tenham sido administrados com muita generosidade, pela graciosa mão de uma mulher, não são menos dolorosos. Ah! senhora, a mim lembrastes a caridade de maneira muito pouco caridosa. Visconde! sois muito temível; deponho as armas e humildemente reconheço meus erros. Concordo que Bernardin de Saint-Pierre foi um grande filósofo. Que digo? Encontrou a pedra filosofal e eu não sou, como não fui, mais que um indigesto compilador! E então? Estais contente agora? Vejamos, sede gentil e doravante não me humilheis mais; não sendo assim, obrigareis um gentil-homem, amigo do nosso grupo parisiense, a abandonar a praça, o que não faria sem grande pesar, porque ele tem de aproveitar também os ensinamentos espíritas e conhecer o que aqui se passa.

Ah! Hoje ouvi o relato de fenômenos tão estranhos que em meu tempo teriam sido queimados vivos, como feiticeiros, os atores e até os narradores desses acontecimentos. Aqui, entre nós, serão mesmo fenômenos espíritas? A imaginação de um lado e o

interesse do outro não valerão alguma coisa? Eu não juraria. Que pensa o espirituoso visconde? Quanto a mim, lavo as mãos. Aliás, se creio no meu senso de naturalista, por mais que me chamem naturalista de gabinete, os fenômenos dessa ordem só devem ocorrer raramente. Quereis minha opinião sobre o caso de Havana? Pois bem! lá existe uma camarilha de gente mal-intencionada, que tem todo o interesse em desacreditar a propriedade, a fim de que possa ser vendida a preço vil, e proprietários medrosos e tímidos, apavorados com uma fantasmagoria muito bem preparada. Quanto ao lagarto: lembro-me bem de lhe haver escrito a história, mas confesso jamais os ter encontrado diplomados pela Faculdade de Medicina. Há aqui um médium de cérebro fraco, que tomou de sua imaginação fatos que, em substância, não tinham nenhuma realidade.

*Buffon*

*Nota* – Este último parágrafo faz alusão a dois fatos narrados na mesma sessão; por falta de espaço, adiaremos a sua transcrição para outro número. A respeito, Buffon dá espontaneamente a sua opinião.

**RESPOSTA DE BERNARDIN DE SAINT-PIERRE**

(Médium – Sra. Costel)

Venho eu, Bernardin de Saint-Pierre, envolver-me num debate em que meu nome foi citado, discutido e defendido. Não posso concordar com meu espirituoso defensor; o Sr. de Buffon tem um outro valor, que não o de um compilador eloqüente. Que importam os erros literários de um julgamento muitas vezes tão fino e delicado para as coisas da Natureza e que não foi desviado senão pela rivalidade e o ciúme profissional?

Apesar disso, sou de opinião inteiramente contrária à sua e, como Lamennais, digo: Não, o estilo não é o homem. Disto

sou uma prova eloqüente, eu, cuja sensibilidade jazia completa no cérebro, inventando o que os outros sentiam. As coisas da vida terrena, as coisas acabadas são julgadas com frieza do outro lado da vida. Não mereço toda a reputação literária de que desfrutei. Se aparecesse hoje, *Paulo e Virgínia* seria facilmente eclipsado por uma quantidade de encantadoras produções, que passam despercebidas. É que o progresso de vossa época é grande, mais que vós, contemporâneos, podeis julgar. Tudo se eleva: ciências, literatura, arte social; mas tudo se eleva como o nível do mar na enchente da maré, e os marinheiros que estão ao largo não o podem julgar. Estais em alto-mar.

Volto ao Sr. Buffon, cujo talento louvo, esquecendo a censura, e também ao meu espiritualoso defensor, que sabe descobrir todas as verdades, seus sentidos espirituais, dando-lhes um colorido paradoxal. Depois de haver provado que os literatos mortos não conservam nenhum fel, dirijo-vos os meus agradecimentos, assim como o vivo desejo de vos poder ser útil.

*Bernardin de Saint-Pierre*

LAMENNAIS A BUFFON

(Médium – Sr. A. Didier)

É preciso prestar muita atenção, Sr. Buffon; eu não conclui absolutamente de maneira literária e humana; encarei a questão de modo muito diverso e o que deduzi foi isto: “Que a inspiração humana muitas vezes é divina”. Aí não havia matéria para nenhuma controvérsia. Agora não mais escrevia com essa pretensão, e podeis vê-lo mesmo em minhas reflexões sobre a influência das artes, o coração e o cérebro<sup>40</sup>. Evitei o mundo e as personalidades; jamais volvamos ao passado; olhemos o futuro. Cabe aos homens julgar e discutir as nossas obras; a nós compete

40 Alusão a uma série de comunicações ditadas por Lamennais, sob o título de *Meditações filosóficas e religiosas*, que publicaremos no próximo número.

dar outras, emanando todas desta idéia fundamental: Espiritismo. Mas, para nós: adeus ao mundo!

*Lamennais*

**FANTASIA – POR GÉRARD DE NERVAL**  
(Médium – Sr. A. Didier)

*Nota* – Lembramos que Buffon, falando dos autores contemporâneos, disse que “*Gérard de Nerval*, de cores estranhas, de estilo espalhafatoso e incoerente, fazia fantasia com sua vida, como o fez com sua pena.” Em vez de discutir, Gérard de Nerval respondeu a esse ataque ditando espontaneamente o trecho seguinte, ao qual ele próprio deu o título de *Fantasia*. Escreveu em duas sessões, e foi no intervalo que ocorreu a resposta do Visconde de Launay<sup>41</sup> a Buffon; eis por que disse ele não saber se esse caprichoso Espírito o acabaria, dando a sua provável conclusão.

Não o pusemos em ordem cronológica, a fim de não interromper a série de ataques e réplicas, considerando-se que Gérard de Nerval não se envolveu nos debates senão por esta alegoria filosófica:

– Um dia, numa de minhas *fantasias*, não sei como, cheguei perto do mar, num pequeno porto pouco conhecido; que importa! Por algumas horas eu havia abandonado meus companheiros de viagem e pude entregar-me à mais tempestuosa *fantasia*, que é o termo consagrado às minhas evoluções cerebrais. Todavia, não se deve crer que a *Fantasia* seja sempre uma menina louca, entregue às excentricidades do pensamento. Muitas vezes a pobre mocinha ri para não chorar e sonha para não cair. Frequentemente seu coração está ébrio de amor e de curiosidade, enquanto sua cabeça se perde nas nuvens; talvez seja porque muito ama, essa pobre imaginação. Deixai-a, pois, vaguear, pois ama e admira.

41 **N. do T.:** Ora aparece grafado *Visconde Delannay*, ora *Visconde de Launay*. Preferimos esta última.

Assim, eu estava com ela um dia, a contemplar o mar, cujo horizonte é o céu, quando, em meio à minha solidão a dois avistei – palavra de honra! um velhinho condecorado. Tivera tempo de o ser, felizmente, pois estava muito abatido; mas seu ar era tão positivo, tão regulares os movimentos, que essa sabedoria e essa harmonia, em sua aparência, substituíam os nervos e os músculos entorpecidos. Sentou-se, examinou bem o terreno e assegurou-se de que não seria picado por um desses bichinhos que pululam na areia da praia; depois deixou de lado sua bengala de castão dourado; mas imaginai o meu espanto quando ele colocou os óculos. Óculos! para ver a imensidade! *Fantasia* deu um salto terrível e quis atirar-se sobre ele. Consegui acalmá-la com muita dificuldade; aproximei-me, oculto por uma rocha e apurei os ouvidos para melhor escutar: “Eis, então, a imagem de nossa vida! Eis o grande todo! Profunda verdade! Eis, pois, nossas existências, elevadas e baixas, profundas e mesquinhas, revoltadas e calmas! Ó vagas! vagas! Grande flutuação universal!” Depois o velhinho só falou para si mesmo. Até então *Fantasia* mantivera-se calma e ouvia religiosamente; porém, não se contendo mais, soltou uma longa gargalhada. Só tive tempo de tomá-la nos braços e abandonamos o velhinho. “Na verdade – dizia *Fantasia* – ele deve ser membro de alguma sociedade erudita.” Depois de ter corrido durante algum tempo, percebemos uma tela de pintor, representando uma falésia a mergulhar no mar. Olhei, ou antes, olhamos a tela. Provavelmente o pintor procurava outro sítio nas redondezas. Após olhar a tela, fitei a Natureza e assim alternativamente. *Fantasia* quis rasgar a tela; só à custa de muito esforço pude contê-la. – “Como! disse-me ela, são sete horas da manhã e vejo nesta tela um efeito que não tem nome!” Compreendi perfeitamente o que *Fantasia* me explicava. Realmente essa menina maluca tem senso, dizia a mim mesmo, querendo afastar-me. Ah! escondido, o artista tinha seguido as menores nuances de minha expressão; quando seus olhos encontraram os meus, foi um choque terrível, um choque elétrico. Lançou-me um desses olhares soberbos, que parecem dizer: “Vermezinho!” Dessa vez *Fantasia* ficou aterrada por tanta

insolência e o viu retomar a paleta com estupefação. “Tu não tens a paleta da Lorena”, disse-lhe ela, sorrindo.

Depois, voltando-se para mim: “Já vimos o verdadeiro e o belo – falou-me ela – procuremos, então, um pouco o bem.” Após ter escalado as falésias, avistei um menino, um filho de pescador, que bem poderia ter treze ou quatorze anos; brincava com um cachorro e corriam um atrás do outro, este a latir, aquele a bradar. De repente, ouvi gritos no ar, que pareciam vir de baixo da falésia; imediatamente o menino atirou-se, de um salto só, por um atalho que levava ao mar. Apesar de todo o seu ardor, *Fantasia* teve dificuldade em segui-lo. Quando cheguei na parte inferior da falésia, vi um espetáculo terrível: o menino lutava contra as vagas e trazia para a costa um infeliz que se debatia contra ele, seu salvador. Eu quis atirar-me, mas o garoto gritou que nada fizesse; e, ao cabo de alguns instantes, magoado, deprimido e trêmulo, aproximava-se com o homem que havia salvado. Era, ao que tudo indica, um banhista que se tinha aventurado muito longe e caíra numa corrente.

Continuarei de outra vez.

*Gérard de Nerval*

*Nota* – Foi nesse intervalo que ocorreu a comunicação do Visconde de Launay, reportada acima.

### CONTINUAÇÃO

Depois de alguns instantes o afogado, pouco a pouco, voltava à vida, mas apenas para dizer: “É incrível; logo eu, que nado tão bem!” Viu perfeitamente quem o havia salvado, mas, olhando-me, acrescentou: “Ufa! escapei por pouco! Como sabeis, há certos momentos em que perdemos a cabeça; não são as forças que nos traem, mas... mas...” Vendo que não podia continuar, apressei-me em lhe dizer: “Enfim, graças a este bravo rapaz, eis-vos salvo.” Ele

olhou o garoto, que o examinava com o ar mais indiferente do mundo, mãos na cintura. O senhor pôs-se a sorrir: “Contudo é verdade”, disse, saudando-me em seguida. *Fantasia* quis correr atrás dele. “Deixa pra lá!”, disse ela, mudando de idéia, “de fato é muito natural.” O rapazola o viu afastar-se, depois voltou ao seu cão. Desta vez *Fantasia* chorou.

*Gérard de Nerval*

Tendo um membro da Sociedade observado que faltava a conclusão, Gérard acrescentou estas palavras:

“Encontro-me à vossa disposição, de todo o coração, para dar outro ditado; mas, quanto a este, *Fantasia* me diz que pare aqui. Talvez esteja errada; ela é tão caprichosa!”

A conclusão havia sido dada antecipadamente pelo Visconde de Launay.

#### CONCLUSÃO DE ERASTO

Depois do torneio literário e filosófico ocorrido nas últimas sessões da Sociedade, ao qual assistimos com vera satisfação, julgo necessário, do ponto de vista puramente espírita, comunicar-vos algumas reflexões, que me foram suscitadas por esse interessante debate, no qual, aliás, não quero intervir de modo nenhum. Antes de mais, porém, deixai que vos diga que, se vossa reunião foi animada, esta animação nada significou em relação à que reinava entre os grupos numerosos de Espíritos eminentes, que essas sessões, quase acadêmicas, tinham atraído. Ah! certamente se vos tivésseis tornado vidente instantaneamente, teríeis ficado surpreso e confuso perante esse areópago superior. Mas não é minha intenção desvendar-vos hoje o que se passou entre nós; meu objetivo é unicamente fazer que entendais algumas palavras sobre o proveito que deveis tirar dessa discussão, no que respeita à vossa instrução espírita.

Conheceis Lamennais há muito tempo e, certamente, apreciastes o quanto esse filósofo continuou apaixonado pela idéia abstrata; sem dúvida notastes o quanto ele acompanha com persistência, e com talento – devo dizê-lo – suas teorias filosóficas e religiosas. Logicamente deveis deduzir que o *ser* pessoal pensante prossegue, mesmo depois da tumba, seus estudos e trabalhos e que, por meio dessa lucidez que é o apanágio particular dos Espíritos, comparando seu *pensamento espiritual* com o seu *pensamento humano*, deve eliminar tudo quanto o obscurecia materialmente. Muito bem! o que é verdadeiro para Lamennais, o é igualmente para os outros, e cada um, no vasto país da erraticidade, conserva suas aptidões e sua originalidade.

Buffon, Gérard de Nerval, o Visconde de Launay, Bernardin de Saint-Pierre conservam, como Lamennais, os gostos e a forma literária que observáveis neles, quando vivos. Creio útil chamar vossa atenção sobre essa condição de ser do nosso mundo de além-túmulo, para que não venhais a crer que abandonamos instantaneamente nossas inclinações, costumes e paixões quando despimos as vestes humanas. Na Terra, os Espíritos são como prisioneiros, que a morte deve libertar; no entanto, assim como aquele que está sob grades tem as mesmas propensões, conserva a mesma individualidade quando em liberdade, os Espíritos conservam suas tendências, originalidade e aptidões, ao chegarem entre nós. Contudo, à exceção dos que passaram, não por uma vida de trabalho e de provas, mas por uma vida de expiação, como os idiotas, os cretinos e os loucos, suas qualidades inteligentes, mantidas em estado latente, não despertam senão à saída da prisão terrestre. Como pensais, isto deve entender-se do mundo espírita inferior ou médio, e não dos Espíritos elevados libertos da influência corporal.

Ides tomar as vossas férias, senhores associados. Permitti que vos dirija algumas palavras amigas, antes de nos separarmos por algum tempo. Creio que a doutrina consoladora

que vos viemos ensinar só conta, entre vós, com adeptos fervorosos. Eis por que, como é essencial que cada um se submeta à lei do progresso, julgo dever aconselhar-vos a examinar, perante vós, que proveito haveis tirado pessoalmente de nossos trabalhos espíritos, e que progresso moral disso resultou em vossos meios recíprocos. Porque – bem o sabeis – não basta dizer: *Sou espírita*, e encerrar essa crença no seu íntimo; o que vos é indispensável saber é se vossos atos estão de acordo com as prescrições de vossa nova fé, que, nunca seria demais repetir, é *Amor e caridade*. Que Deus seja convosco!

*Erasto*

## Conversas Familiares de Além-Túmulo

A PENA DE TALIÃO<sup>42</sup>

(Sociedade, 9 de agosto de 1861 – Médiun: Sr. d'Ambel)

Um correspondente da Sociedade lhe transmite a seguinte nota:

“O Sr. Antonio B..., um de meus parentes, escritor de mérito, estimado por seus concidadãos, tendo desempenhado com distinção e integridade funções públicas na Lombardia, caiu, há cerca de seis anos, em conseqüência de um ataque de apoplexia, num estado de morte aparente que, infelizmente, como algumas vezes sucede em casos tais, a sua morte foi considerada real, concorrendo ainda mais para o engano os vestígios da decomposição assinalados no corpo. Quinze dias depois do enterro, uma circunstância fortuita levou a família a determinar a exumação. Tratava-se de um medalhão, por acaso esquecido no caixão. Qual não foi, porém, o espanto dos assistentes, quando, ao abrir aquele, notaram que o

42 N. do T.: Vide *O Céu e o Inferno*, 2ª parte, capítulo VIII: ANTONIO B – Enterrado vivo – A pena de talião.

corpo havia mudado de posição, voltando-se de bruços e – coisa horrível – que uma das mãos havia sido comida em parte pelo defunto. Ficou, então, patente que o infeliz Antonio B... fora enterrado vivo, e deveria ter sucumbido sob a ação do desespero e da fome. Seja como for, desse triste acontecimento e de suas conseqüências morais não seria interessante, do ponto de vista espírita e psicológico, fazer um inquérito no mundo dos Espíritos?”

1. Evocação de Antonio B...

*Resp.* – Que quereis de mim?

2. A pedido de um vosso parente, nós vos evocamos com prazer e seremos felizes se quiserdes responder-nos.

*Resp.* – Sim, desejo fazê-lo.

3. Lembrais-vos dos incidentes da vossa morte?

*Resp.* – Ah! Certamente que me lembro: – Mas por que avivar essa lembrança do castigo?

4. Efetivamente fostes enterrado por descuido?

*Resp.* – Assim deveria ser, visto revestir-se a morte aparente de todos os caracteres da morte real: eu estava quase exangue. Não se deve, porém, imputar a ninguém um acontecimento que me estava predestinado desde que nasci.

5. Incomodam-vos estas perguntas? Será mister lhes demos fim?

*Resp.* – Não. Podeis continuar.

6. Porque deixastes a reputação de um homem de bem, esperamos fôsseis feliz.

*Resp.* – Eu vos agradeço, pois sei que haveis de interceder por mim. Vou fazer o possível para vos responder, e, se não puder fazê-lo, fá-lo-á um dos vossos guias por mim.

7. Podeis descrever-nos as vossas sensações daquele momento?

*Resp.* – Que dolorosa provação sentir-me encerrado entre quatro tábuas, tolhido, absolutamente tolhido! Gritar? Impossível! A voz, por falta de ar, não tinha eco! Ah! que tortura a do infeliz que em vão se esforça para respirar num ambiente limitado! Eu era qual condenado à boca de um forno, abstração feita ao calor. A ninguém desejo um fim rematado por semelhantes torturas. Não, não desejo a ninguém um tal fim! Oh! cruel punição de cruel e feroz existência! Não saberia dizer no que então pensava; apenas revendo o passado, vagamente entrevia o futuro.

8. Dissestes: – cruel punição de feroz existência... Como se pode conciliar esta afirmativa com a vossa reputação ilibada?

*Resp.* – Que vale uma existência diante da eternidade?! Certo, procurei ser honesto e bom na minha última encarnação, mas eu aceitara um tal epílogo previamente, isto é, antes de encarnar. Ah!... Por que interrogar-me sobre esse passado doloroso, que só eu e os Espíritos bons enviados do Senhor conhecíamos? Mas, visto que assim é preciso, dir-vos-ei que numa existência anterior eu emparedara uma mulher – a minha, viva num sepulcro subterrâneo. A pena de talião devia ser-me aplicada. Olho por olho, dente por dente.

9. Agradecemos essas respostas e pedimos a Deus vos perdoe o passado, em atenção ao mérito da vossa última encarnação.

*Resp.* – Voltarei mais tarde, mas, não obstante, o Espírito Erasto completará esta minha comunicação.

#### REFLEXÕES DE LAMENNAIS SOBRE ESTA EVOCAÇÃO

Deus é bom! Mas, para chegar ao aperfeiçoamento, deve o homem sofrer as provas mais cruéis. Este infeliz viveu vários séculos durante sua desesperada agonia, e embora sua última existência tenha sido honrada, esta prova deveria realizar-se, pois a tinha escolhido.

## REFLEXÕES DE ERASTO

Por essa comunicação podeis inferir a co-relatividade e dependência imediata das vossas existências entre si; as tribulações, as vicissitudes, as dificuldades e dores humanas são sempre as conseqüências de uma vida anterior, culposa ou mal aproveitada. Devo, todavia, dizer-vos que desfechos como este de Antonio B... são raros, visto como, se de tal modo terminou uma existência correta, foi por tê-lo solicitado ele próprio, com o fito de abreviar a sua erraticidade e atingir mais rápido as esferas superiores. Efetivamente, depois de um período de perturbação e sofrimento moral, inerente à expiação do hediondo crime, ser-lhe-á perdoado este, e ele se alçará a um mundo melhor, onde o espera a vítima que há muito lho perdoou. Aproveitai este exemplo cruel, queridos espíritas, a fim de suportardes, com paciência, os sofrimentos morais e físicos, todas as pequenas misérias da Terra.

P. – Que proveito pode a Humanidade auferir de semelhantes punições?

*Resp.* – As penas não existem para desenvolver a Humanidade, porém para punição dos que erram. De fato, a Humanidade não pode ter nenhum interesse no sofrimento de um dos seus membros. Neste caso, a punição foi apropriada à falta. Por que há loucos, idiotas, paralíticos? Por que morrem estes queimados, enquanto aqueles padecem as torturas de longa agonia entre a vida e a morte? Ah! crede-me; respeitai a soberana vontade e não procureis sondar a razão dos decretos da Providência! Deus é justo e só faz o bem.

*Erasto*

*Observação* – Este fato não encerra um ensinamento terrível? Às vezes tardia, nem por isso a justiça de Deus deixa de atingir o culpado, prosseguindo em seu aviso. É altamente moralizador o saber-se que, se grandes culpados acabam, pacificamente, na abundância de bens terrenos, nem por isso

deixará de soar cedo ou tarde, para eles, a hora da expiação. Penas tais são compreensíveis, não só por estarem mais ou menos ao alcance das nossas vistas, como por serem lógicas. Ora, perguntamos se esse quadro, que o Espiritismo desdobra a cada instante diante de nós, não é mais apropriado a impressionar, para reter à beira do abismo, do que o medo das chamas eternas, em que já não acreditamos? Se apenas relermos as evocações publicadas nesta Revista, veremos que não há um vício que não determine o seu castigo, nem uma virtude que não suscite a sua recompensa, proporcionados ao mérito ou ao grau de culpabilidade, porquanto Deus leva em conta todas as circunstâncias que possam atenuar o mal ou aumentar o prêmio do bem.

## Correspondência

### CARTA DO SR. MATHIEU SOBRE A MEDIUNIDADE DAS AVES

Paris, 11 de agosto de 1861.

Senhor,

Quem ainda vos escreve sou eu e, se o permitis, para prestar uma nova homenagem à verdade.

Somente hoje pude ler, no último número da *Revista*, vossas excelentes observações sobre a pretensa faculdade mediúnica das aves e me apresso em vo-lo agradecer com mais um serviço prestado à causa que ambos defendemos.

Várias exhibições de aves *maravilhosas* têm ocorrido nestes últimos anos. Como eu conhecia o *truque* principal das habilidades executadas por esses interessantes galináceos, ouvia com muita pena e pesar certos espiritualistas, ou espíritas, atribuírem essas façanhas a uma ação mediúnica, o que devia fazer sorrir *in petto*, se assim me posso exprimir, os proprietários dessas

aves. Mas o que eles não pareciam apressados em desmentir, venho desmentir por eles, já que me forneceis a ocasião, não para prejudicar a sua indústria, o que me desgostaria, mas para impedir uma deplorável confusão entre os fatos que uma engenhosa paciência e uma certa habilidade de mãos produzem só neles e que a intervenção dos Espíritos produz em nós.

Estais coberto de razão quando dizeis: “Essas aves fazem coisas que nem o mais inteligente dos homens, nem mesmo o sonâmbulo mais lúcido poderiam fazer, levando-se a concluir que seriam dotadas de faculdades intelectuais superiores às do homem e assim contrariando as leis da Natureza.” Esta consideração deveria atingir em cheio as pessoas excessivamente entusiastas, que não temem recorrer à faculdade mediúmica para explicar experiências que, à primeira vista, não compreendem. Infelizmente, os observadores frios e judiciosos são ainda muito raros e, entre os homens distintos que acompanham os nossos estudos, há os que nem sempre sabem defender-se contra a exaltação da imaginação e os perigos da ilusão.

Ora, quereis que vos diga o que me foi comunicado a respeito dessas aves *maravilhosas*, das quais, se vos lembrais, admiramos, juntos, uma amostra, certa noite? Um de meus amigos, amante de todas as curiosidades possíveis, mostrou-me um dia uma comprida estante de madeira, na qual estavam colocados, em grande número, pequenos cartões, dispostos uns ao lado dos outros. Nesses cartões estavam impressos palavras, números, estampas de baralho, etc. “Comprei-a – disse-me ele – de um homem que exhibia aves sábias.” A venda incluía, também, a maneira de a usar.

Então o meu amigo, retirando da estante, vários desses cartões, fez-me notar que as bordas superiores e inferiores eram, uma completa, outra formada por duas folhas, separadas por uma fenda quase imperceptível e, sobretudo, invisível a distância.

Explicou-me em seguida que esses cartões deviam ser colocados na estante, ora com a fenda dirigida para baixo, ora para o alto, conforme se quisesse que a ave os tirasse da estante com o bico, ou não os tocasse. A ave estava previamente adestrada para atrair a si todos os cartões em que percebesse uma fenda. Parece que essa instrução preliminar era-lhe dada por meio de grãos de alpiste, ou de qualquer outra guloseima, colocados na fenda em questão; ela acabava por adquirir o hábito de bicar e, assim, por tirar da estante todos os cartões fendidos que aí encontrasse, andando de costas.

Tal é, senhor, o engenhoso ardil que meu amigo deu-me a conhecer. Tudo me leva a crer seja isto comum a todas as pessoas que exploram a indústria das aves inteligentes. Resta a tais pessoas o mérito de treiná-las para esse manejo com muita paciência e, talvez, um pouco de jejum – para as aves, bem entendido. Resta-lhes, também, com a maior habilidade possível, o mérito de salvar as aparências, quer pela convidência, que por hábil prestidigitação no manejo dos cartões, como no dos acessórios que figuram em suas experiências.

Lamento assim revelar o mais importante de seus segredos. Mas, por um lado, o público não verá com menos prazer aves tão bem adestradas, mesmo correndo o risco de tornar-se testemunha de coisas *impossíveis*; por outro lado, não me era possível deixar por mais tempo que uma opinião fosse aceita, quando a sua propagação não conduz senão à profanação de nossos estudos. Na presença de um interesse tão sagrado, creio que um silêncio complacente seria um escrúpulo exagerado. Se for também a vossa opinião, senhor, estais livre para comunicar esta notícia aos vossos leitores.

Aceitai, etc.

*Mathieu*

Certamente concordamos com o Sr. Mathieu e estamos felizes por nos termos encontrado com ele sobre esta questão. Agradecemos-lhe os detalhes que houve por bem nos transmitir, que, sem dúvida, agradecerão aos nossos leitores. O Espiritismo é bastante rico em fatos notáveis, autênticos, sem admitir os que se referem ao maravilhoso e ao impossível. Somente um estudo sério e aprofundado da ciência espírita pode pôr em guarda as pessoas muito crédulas, considerando-se que tal estudo, ao dar a chave dos fenômenos, ensina-lhes os limites nos quais eles podem produzir-se.

Dissemos que se as aves operassem seus prodígios com conhecimento de causa e pelo esforço da inteligência, fariam o que não pode fazer nem o mais inteligente dos homens, nem o sonâmbulo mais lúcido. Isto nos lembra o sucessor do célebre *Munito*, que vimos, há vinte e cinco ou trinta anos, ganhar invariavelmente de seu parceiro o jogo de cartas, e dar o total de uma soma antes que pudéssemos fazer o cálculo. Ora, sem vaidade, nós nos julgamos um pouco mais forte no cálculo do que aquele cão. Sem a menor dúvida, havia ali cartas marcadas, como no caso das aves. Quanto aos sonâmbulos, alguns há, incontestavelmente, que são bastante lúcidos para fazerem coisas tão surpreendentes quanto fazem esses interessantes animais, o que não impede que nossa proposição seja verdadeira. Sabe-se que a lucidez sonambúlica, mesmo a mais desenvolvida, é, por natureza, essencialmente variável e intermitente; que está subordinada a uma multidão de circunstâncias e, acima de tudo, à influência do meio-ambiente; que raramente o sonâmbulo vê de modo instantâneo; que muitas vezes não pode ver em dado instante ou que verá uma hora mais tarde, ou no dia seguinte; que o que vê com uma pessoa, não o verá com outra. Supondo haja nos animais sábios uma faculdade análoga, seria preciso admitir que eles não sofressem nenhuma influência susceptível de a perturbar; que a tivessem sempre à sua disposição, a qualquer hora, vinte vezes por dia, se preciso for, e sem nenhuma alteração. É sobretudo no tocante a esse aspecto que dizemos fazerem eles o que o mais lúcido

sonâmbulo é incapaz de fazer. O que caracteriza os truques de prestidigitação é a precisão, a pontualidade, a instantaneidade, a repetição facultativa, coisas todas contrárias à essência dos fenômenos puramente morais do sonambulismo e do Espiritismo, cujos efeitos se deve sempre aguardar e só raramente podem ser provocados.

Ainda que os efeitos de que acabamos de falar fossem devidos a processos artificiais, nada provariam contra a mediunidade dos animais em geral.

Assim, a questão seria saber se neles há ou não a possibilidade de servirem de intermediários entre os Espíritos e os homens. Ora, a incompatibilidade de sua natureza, a esse respeito, está demonstrada pela dissertação de *Erasto*, publicada em nosso número de agosto, e a do mesmo Espírito sobre *o papel dos médiuns nas comunicações*, inserida no do mês de julho.

#### CARTA DO SR. JOBARD SOBRE OS ESPÍRITAS DE METZ

Bruxelas, 18 de agosto de 1861.

Meu caro mestre,

Acabo de visitar os espíritas de Metz, como visitastes os de Lyon o ano passado. Mas, em vez de pobres operários, simples e iletrados, são condes, barões, coronéis, oficiais engenheiros, antigos alunos da Escola Politécnica, sábios conhecidos por obras de grande mérito. Eles também me ofereceram um banquete, mas um banquete de pagão, que nada tinha de comum com os modestos ágapes dos primeiros cristãos. O Espírito Lamennais os admoestou nestes termos:

“Pobre Humanidade! Juntai sempre os detritos do meio em que viveis; materializais tudo, prova de que a lama ainda macula o vosso ser. Não vos censuro, apenas faço uma mera observação.

Sendo o vosso objetivo adornado de excelentes intenções, os caminhos que a ele conduz não são condenáveis. Se, ao lado de uma satisfação quase animal, pondeis o desejo de santificá-la, de enobrecê-la, certamente a pureza de vossos prazeres a centuplicará. Fora as boas palavras que vão estreitar vossa amizade, ao lado da lembrança dessa boa jornada, na qual o Espiritismo tem larga participação, não deixeis a mesa sem ter pensado que os Espíritos bons, que são os professores de vossas reuniões, fazem jus a um pensamento de reconhecimento.”

Que isto sirva de lição aos Lucullus, aos Trimalcions parisienses, que devoram num jantar o alimento de cem famílias, pretendendo que Deus lhes deu os bens da Terra para desfrutá-los. Para desfrutar, seja; mas não para abusar, a ponto de alterar a saúde do corpo e do Espírito. Para que servem, pergunto, esses duplos, triplos e quádruplos serviços; essa crescente superfluidade dos mais delicados vinhos, aos quais parece Deus haver tirado o sabor por um milagre inverso ao das bodas de Caná e que transmuta em veneno para os que perdem a razão, a ponto de se tornarem insensíveis às advertências de seu instinto animal? Ainda que o Espiritismo, propalado nas classes elevadas da sociedade, não tivesse por efeito senão colocar um freio à glotonaria e às orgias da mesa dos ricos, estaria prestando à sociedade um imenso serviço, que a medicina oficial não pôde dispensar, já que os próprios médicos partilham com muito gosto desses excessos, que lhes fornecem mais doentes, mais estômagos a desobstruir, mais baços a desopilar, mais gotosos a consolar, porque não sabem curá-los.

Dir-vos-ei, caro mestre, que encontrei em Metz casas da antiga nobreza, muito religiosas, cujas avós, mães, filhas e netos e até seus dirigentes eclesiásticos obtêm pela tiptologia ditados magníficos, embora de ordem inferior à dos sábios médiuns da Sociedade de que vos falo.

Tendo perguntado a alguns Espíritos o que pensavam de certo livro, um nos disse que o tinha lido e meditado, fazendo-

lhe o maior elogio; o outro confessou que não o havia lido, mas que tinha ouvido falar muito bem a respeito; outro, ainda, o achava bom, mas lhe censurava uma certa obscuridade. Exatamente como se julga na Terra.

Um outro Espírito nos expôs uma das mais sedutoras cosmogonias, a nós oferecida como pura verdade; e como adentrasse nos segredos de Deus sobre o futuro, perguntei-lhe se ele não seria o próprio Deus e se sua teoria não passava de uma bela hipótese de sua parte. Balbuciou e reconheceu que tinha ido muito longe, mas que, para ele, tratava-se de uma convicção. Ainda bem!

Em poucos dias receberéis a primeira publicação dos espíritas de Metz, da qual fui o padrinho, a pedido e por gentileza de sua parte. Ficareis contente, pois está boa. Ali encontrareis dois discursos de Lamennais sobre a prece, que um padre leu durante o sermão, declarando que não podia ser obra de um homem. A Sra. de Girardin os visita, como vós, e reconheceréis seu espírito, seu sentimento e seu estilo.

O círculo de Metz pediu-me que o pusesse em contato com o círculo belga, composto apenas por dois médiuns, dos quais um francês e outro inglês. Os belgas são infinitamente mais razoáveis; lamentam de todo coração que um homem de inteligência tão vasta quanto a minha, sobretudo nas ciências e matérias ligadas à indústria, dê-se a essa loucura de acreditar na existência da alma e, como se não bastasse, na sua imortalidade. Desviam-se de mim com piedade, dizendo: “O que será de nós?!” Foi o que me aconteceu ontem à noite, ao ler-lhes a nossa *Revista*, que eu pensava dever interessar-lhes, e que tomam como uma coletânea de notícias falsas para divertir os...

*Jobard*

*Observação* – Há muito sabíamos que a cidade de Metz marcha a largos passos na senda do progresso espírita e que os

senhores oficiais não são os últimos a segui-la. Sentimo-nos felizes por ter a confirmação disto, através de nosso distinto colega Sr. Jobard. Assim, teremos prazer em prestar informações sobre o trabalho desse círculo, que se estabelece sobre bases verdadeiramente sérias. Não deixará de exercer uma grande influência pela posição social de seus membros. Em breve falaremos do de Bordeaux, que se funda sob os auspícios da Sociedade de Paris, já com numerosos elementos e em condições que lhe permitirão ocupar o primeiro lugar.

Conhecemos bastante os princípios do Sr. Jobard para estarmos certos de que, ao enumerar os títulos e qualidades dos espíritas de Metz, ao lado dos modestos operários que visitamos em Lyon, o ano passado, não quis fazer nenhuma comparação injuriosa; seu objetivo foi unicamente constatar que o Espiritismo conta adeptos em todas as camadas sociais. É fato bem conhecido que, por um desígnio providencial, primeiro os recrutou nas classes esclarecidas, a fim de provar aos adversários que não é privilégio dos tolos e ignorantes e, ainda, para não chegar às massas senão depois de ter sido depurado e eximido de toda idéia supersticiosa. Só há pouco o Espiritismo penetrou entre os trabalhadores; mas aí, também, fez rápidos progressos, pois traz supremas consolações aos sofrimentos materiais, que ensina a suportar com resignação e coragem.

Engana-se o Sr. Jobard se pensa que em Lyon só encontramos espíritas entre os operários; a alta indústria, o grande comércio, as artes e ciências, lá como alhures, fornecem seu contingente. É verdade que naquela cidade os operários são maioria, por circunstâncias peculiares ao local. Se esses operários são pobres, como diz o Sr. Jobard, é uma razão a mais para lhes estendermos a mão. Mas são cheios de sentimentos, de zelo e de devotamento; se só tiverem um pedaço de pão, sabem dividi-lo com os irmãos; são simples, também é verdade, isto é, não têm orgulho nem a presunção do saber. São iletrados? Sim,

relativamente, mas não em sentido absoluto. Em falta de ciência, têm bastante raciocínio e bom-senso para apreciarem o que é justo e distinguirem, naquilo que se lhes ensina, o que é racional do que é absurdo. Eis o que pudemos julgar por nós mesmo. Por isso aproveitamos a ocasião para lhes fazer justiça. A carta que publicamos a seguir, pela qual nos convidam a visitá-los ainda este ano, testemunha a feliz influência exercida pelas idéias espíritas e os resultados que devem ser esperados, quando se generalizarem.

Lyon, 20 de agosto de 1861.

Meu bom senhor Allan Kardec,

Se fiquei tanto tempo sem vos escrever, não creiais ter havido indiferença de minha parte. É que, sabendo da volumosa correspondência que recebeis, só vos escrevo quando tenho alguma coisa importante a relatar. Venho, pois, dizer que contamos convosco este ano e pedir informeis a época, tão precisa quanto possível, de vossa chegada, assim como o lugar onde descereis, pois aumentou bastante, este ano, o número de espíritas, sobretudo nas classes operárias. Todos vos querem ver, ouvir, e, embora sabendo perfeitamente que foram os Espíritos que ditaram vossas obras, desejam ver o homem escolhido por Deus para esta bela missão. Querem dizer-vos o quanto se sentem felizes em vos ler e vos fazer juiz do progresso moral que tiraram de vossas instruções, pois se esforçam por se tornarem brandos, pacientes e resignados em sua miséria, que é tão grande em Lyon, principalmente na indústria e comércio da seda. Os que murmuram, os que ainda se queixam são os principiantes. Os mais instruídos lhes dizem: Coragem! nossas penas e sofrimentos são provas, ou a consequência de nossas vidas anteriores; Deus, que é bom e justo, nos tornará mais felizes e nos recompensará em novas reencarnações. Allan Kardec no-lo disse e o prova em seus escritos.

Escolhemos um local maior que o da última vez, porque seremos mais de cem. Nosso banquete será modesto, pois

as contribuições serão pequenas; será antes o prazer da reunião. Faço de modo que haja espíritas de todas as classes e condições, a fim de lhes fazer compreender que são todos irmãos. O Sr. Déjou se ocupa disso com zelo e trará todo o seu grupo, que é numeroso.

Vosso devotado e dedicado,

*C. Rey*

Um convite igualmente lisonjeiro nos foi enviado de Bordeaux:

Bordeaux, 7 de agosto de 1861.

Meu caro senhor Kardec,

O último número de vossa *Revista* anuncia que a Sociedade Espírita de Paris toma suas férias de 15 de agosto a 1<sup>o</sup> de outubro. Podemos esperar que, nesse intervalo, honrarei os espíritas bordeleses com vossa presença? Ficaríamos todos muito felizes. Os mais fervorosos adeptos da doutrina, cujo número aumenta diariamente, desejam organizar uma Sociedade, que dependeria da de Paris, para o controle dos trabalhos. Redigimos um documento, calcado no modelo da Sociedade Parisiense e o submetemos à vossa apreciação. Além da Sociedade principal, haverá grupos de dez a doze pessoas em diversos pontos da cidade, destinados principalmente aos operários, onde, vez por outra, comparecerão membros da Sociedade para dar os conselhos necessários. Todos os nossos guias espirituais estão de acordo neste ponto, isto é, que Bordeaux deve ter uma sociedade de estudos, pois a cidade será o centro da propagação do Espiritismo em todo o Sul.

Nós vos esperamos confiantes e felizes para o dia memorável da inauguração, julgando que ficareis contente com o nosso zelo e maneira de trabalhar. Estamos prontos a submeter-nos

aos sábios conselhos de vossa experiência. Vinde, pois, ver-nos à obra: pela obra se conhece o obreiro.

Vosso bem dedicado servidor,

A. Sabò

## Dissertações e Ensinos Espíritas

### UM ESPÍRITO ISRAELITA A SEUS CORRELIGIONÁRIOS

Nossos leitores se recordam da bela comunicação publicada no número de março último, sobre *a lei de Moisés e a lei do Cristo*, assinada por *Mardochée* e recebida pelo Sr. R..., de Mulhouse. Esse senhor recebeu outras, igualmente notáveis, do mesmo Espírito, e que publicaremos. A que damos a seguir é de um outro parente, falecido há alguns meses. Foi ditada em três ocasiões diferentes.

#### A TODOS QUE CONHECI

I

Meus amigos,

Sede espíritas, eu vos conjuro a todos. O Espiritismo é a lei de Deus; é a lei de Moisés aplicada à época atual. Quando Moisés deu a lei aos filhos de Israel, fê-la tal qual Deus lha dera, e Deus a apropriou aos homens daquele tempo. Mas depois os homens progrediram; melhoraram em todos os sentidos; fizeram progressos em ciência e moralidade; hoje, cada um sabe conduzir-se; cada um sabe o que deve ao Criador, ao próximo, a si mesmo. Hoje, pois, é preciso alargar as bases do ensino; o que a lei de Moisés vos ensinou já não basta para fazer avançar a Humanidade e Deus não quer que fiquéis sempre no mesmo ponto, porquanto,

o que era bom há cinco mil anos já não o é hoje. Quando quereis que vossos filhos progridam e desejais dar-lhes uma educação um tanto mais esmerada, sempre os enviais à mesma escola, onde não aprenderiam senão as mesmas coisas? Não; vós os mandais a uma escola superior. Pois bem! São chegados os tempos, meus amigos, em que Deus quer ampliar o quadro dos vossos conhecimentos. O próprio Cristo, embora tenha feito a lei mosaica avançar um passo, não disse tudo, pois não teria sido compreendido, mas lançou sementes que deveriam ser recolhidas e aproveitadas pelas gerações futuras. Deus, em sua infinita bondade, vos envia hoje o Espiritismo, cujas bases estão, inteiras, na lei bíblica e na lei evangélica, para vos elevar e ensinar a vos amardes uns aos outros. Sim, meus amigos: a missão do Espiritismo é extinguir todos os ódios, de homem a homem, de nação a nação; é a aurora da fraternidade universal que se levanta; somente com o Espiritismo podeis chegar a uma paz geral e durável.

Levantai-vos, pois, ó povos! ficai de pé, porque Deus, o Criador de todas as coisas, envia os Espíritos de vossos parentes para vos abrirem um novo caminho, maior e mais amplo do que aquele que ainda seguis. Oh! meus amigos, não sejais os últimos a vos render à evidência, porquanto a mão de Deus pesará sobre os incrédulos, fazendo desapareceram da face da Terra os endurecidos, a fim de não perturbarem o reino do bem, que se prepara. Crede nas advertências daquele que foi e será sempre vosso parente e vosso amigo.

Que os israelitas tomem a dianteira! Que ostentem rapidamente e sem tardança a bandeira que Deus envia aos homens, para os congregar numa só família. Armai-vos de coragem e de resolução; não hesiteis; não vos detenhais diante dos retardatários que vos queiram reter os passos, falando-vos de sacrilégios. Não, meus amigos, não há sacrilégio; lamentai os que tentarem retardar a vossa marcha com semelhantes pretextos. Não vos diz a razão que neste mundo nada há de imutável? Só Deus é imutável; mas tudo

quanto Ele criou deve seguir, e segue, uma marcha progressiva, que nada pode deter, porque está nos desígnios do Criador. Assim, não cuideis de impedir que a Terra gire!

As instituições, magníficas há cinco mil anos, hoje estão velhas; o objetivo a que se destinavam está superado; elas já não bastam à sociedade atual, assim como o antigo regime francês já não serviria à França dos nossos dias. Novo progresso se prepara, sem o qual todos os outros melhoramentos sociais ficam desprovidos de bases sólidas: o progresso da fraternidade universal, cujas sementes foram lançadas pelo Cristo e que germinam no Espiritismo. Seríeis, então, os últimos a entrar nessa via? Não vedes que o mundo velho está num trabalho de parto para se renovar? Lançai os olhos sobre o mapa, não digo da Europa, mas do mundo, e vede de que maneira, uma a uma, caem todas as instituições antiquadas, para jamais se levantarem. Por quê? É a aurora da liberdade que se ergue, banindo os despotismos de toda espécie, como os primeiros raios do Sol expulsam as trevas da noite. Os povos estão cansados de terem sido inimigos; compreendem que sua felicidade está na fraternidade e querem ser livres, porque não poderão melhorar e tornar-se irmãos enquanto não forem livres. Não reconheceis à frente de um grande povo um homem eminente, que desempenha uma missão assinalada por Deus e prepara os caminhos? Não ouvís o sombrio retumbar do Velho Mundo, que se desmorona para dar lugar a uma nova era? Logo vereis surgir na cátedra de São Pedro um pontífice que proclamará os novos princípios, e esta crença, que será a de todos os povos, reunirá as seitas dissidentes numa só e mesma família. Estai prontos; içai a bandeira desse ensinamento tão grande e tão santo, para não serdes os últimos.

Israelitas de Bordeaux e de Bayonne, vós que marchastes à frente do progresso, erguei-vos; aclamai o Espiritismo, porque é a lei do Senhor, e bendizei-o, por vos trazer os meios de chegar mais prontamente à felicidade eterna, que está destinada aos seus eleitos.

## II

Meus amigos,

Não vos surpreendais ao lerdes esta comunicação. Ela vem de mim, Edouard Pereyre, vosso parente, vosso amigo, vosso compatriota. Fui eu mesmo que a ditei ao meu sobrinho Rodolfo, cuja mão seguro para fazê-lo escrever com minha letra. Dou-me a esse trabalho, fatigante tanto a mim quanto ao médium, a fim de melhor vos convencer, pois o medianeiro deve seguir um movimento contrário ao que lhe é habitual.

Sim, meus amigos, o Espiritismo é uma nova revelação; compreendi o alcance desta palavra em toda a sua acepção. É uma revelação porque vos desvenda uma nova força da Natureza, da qual não suspeitáveis e, contudo, é tão antiga quanto o mundo. Era conhecida na época de Moisés, pelos homens superiores de nossa história religiosa, e foi por ela que recebestes os primeiros ensinamentos sobre os deveres do homem para com o seu Criador; mas ela não deu senão o que era compatível com os homens daquela época.

Hoje, que o progresso está feito; que a luz se espalha nas massas; que a estupidez e a ignorância dos primeiros tempos começam a dar lugar à razão e ao senso moral; hoje que a idéia de Deus é por todos compreendida ou, pelo menos, pela maioria, dá-se uma nova revelação, que se produz simultaneamente entre todos os povos instruídos, revelação que todavia se modifica conforme o grau de adiantamento desses povos. Tal revelação vos diz que o homem não morre, que a alma sobrevive ao corpo e habita o espaço; está entre vós, ao vosso lado.

Sim, meus amigos; consolai-vos quando perderdes um ser que vos é caro, desde que só perdeis o seu corpo material; seu Espírito vive no meio de vós, para vos guiar, instruir e inspirar. Enxugai vossas lágrimas, sobretudo se ele for bom, caridoso e sem

orgulho, porque, então, ele é feliz nesse novo mundo, onde todas as religiões se confundem numa só e mesma adoração, banindo os ódios e os ciúmes de seitas. Nós também somos felizes, quando podemos inspirar esses mesmos sentimentos aos homens, a quem estamos encarregados de instruir, e a nossa maior felicidade é vos ver entrar no bom caminho, porque, então, abris a porta pela qual vos juntareis a nós. Perguntai ao médium quais os sublimes ensinamentos que ele recebe de seu avô Mardocheé; se segue o caminho que lhe é traçado, prepara para si um futuro de felicidade, mas se falta aos seus deveres após um tal ensino, arcará com toda a responsabilidade e terá de recomeçar até haver cumprido de modo aceitável a sua tarefa.

Sim, meus amigos; já vivemos corporalmente e viveremos ainda. A felicidade que desfrutamos é apenas relativa; há estados muito superiores àquele em que estamos e aos quais não se chega senão por encarnações sucessivas e progressivas em outros mundos. Não julgueis, portanto, que de todos os globos do Universo seja a Terra o único habitado. Pobre orgulho humano, que pensa ter Deus criado todos os astros apenas para deleitar a sua vista! Sabei, então, que todos os mundos são habitados e, entre eles, se soubésseis a posição que ocupa a Terra, não teríeis razão para vos glorificardes! Se não fosse para cumprir a missão que nos é dada, de vos inspirar e instruir, quantos de nós teríamos preferido visitar esses mundos e nos instruímos nós mesmos! Mas nossos deveres e nossas afeições ainda nos ligam à Terra. Mais tarde, quando cedermos o lugar aos que chegarem por último, iremos tomar outras existências em mundos melhores, purificando-nos gradualmente até chegar a Deus, nosso Criador.

Eis o Espiritismo. Eis o que ele ensina, e isto é a verdade que hoje podeis compreender e que deve auxiliar a vos regenerardes.

Compreendi bem que todos os homens são irmãos, quer sejam negros ou brancos, ricos ou pobres, muçulmanos, judeus

ou cristãos. Como, para progredir, devem renascer várias vezes, conforme a revelação feita pelo Cristo, permite Deus que aqueles que foram unidos em vidas anteriores pelos laços do sangue ou da amizade, se encontrem novamente na Terra, sem se conhecerem, mas em condições relativas às expiações que devem suportar por suas faltas passadas, de sorte que aquele que é o vosso servo pode ter sido vosso senhor em outra existência. O infeliz a quem recusais assistência talvez seja um dos vossos antepassados, do qual vos orgulhais, ou um amigo que vos foi caro. Compreendeis agora o alcance do mandamento do Decálogo: “Amarás a teu próximo como a ti mesmo”? Eis, meus amigos, a revelação que vos deve conduzir à fraternidade universal, quando for compreendida por todos. Eis por que não deveis permanecer imutáveis em vossos princípios, mas seguir a marcha do progresso traçado por Deus, sem jamais vos deterdes. Eis por que vos exortei a empunhar a bandeira do Espiritismo. Sim, sede espíritas, pois é a lei de Deus, e lembrai-vos de que neste caminho está a felicidade, porque é ela que conduz à perfeição. Eu vos sustentarei, eu e todos aqueles que conhecestes, os quais, como eu, agem no mesmo sentido.

Que em cada família se estude o Espiritismo; que em cada família se formem médiuns, a fim de multiplicar os intérpretes da vontade de Deus. Não vos deixeis desencorajar pelos entraves das primeiras provas; muitas vezes elas são cercadas de dificuldades e nem sempre isentas de perigo, pois não haverá recompensa onde não houver um pouco de esforço. Todos podeis adquirir essa faculdade; mas estudaí antes de tentar obtê-la, a fim de vos premunirdes contra os obstáculos. Purificai-vos de vossas máculas; emendai o coração e os pensamentos para afastar de vós os Espíritos maus; orai, sobretudo, pelos que procuram vos obsidiar, porquanto é a prece que os converte e deles vos liberta. Que a experiência de vossos antecessores vos seja proveitosa e vos impeça de cairdes nas mesmas faltas!

Continuarei minhas instruções.

## III

A religião israelita foi a primeira que formulou, aos olhos dos homens, a idéia de um *Deus espiritual*. Até então os homens adoravam: uns, o Sol; outros, a Lua; aqui, o fogo; ali, os animais. Mas em parte alguma a idéia de Deus era representada em sua essência espiritual e imaterial.

Chegou Moisés; trazia uma lei nova, que derrubava todas as idéias até então recebidas. Tinha de lutar contra os sacerdotes egípcios, que mantinham os povos na mais absoluta ignorância, na mais abjeta escravidão, e contra esses sacerdotes, que desse estado de coisas tiravam um poder ilimitado, não podendo ver sem pavor a propagação de uma idéia nova, que vinha destruir os fundamentos de seu poder e ameaçava derrubá-los. Essa fé trazia consigo a luz, a inteligência e a liberdade de pensar; era uma revolução social e moral. Assim, os adeptos dessa fé, recrutados entre todas as classes do Egito, e não só entre os descendentes de Jacó, como erroneamente tem sido dito, eram perseguidos, apossados, submetidos aos mais duros vexames e, por fim, expulsos do país, porque infestavam a população com idéias subversivas e anti-sociais. É sempre assim, toda vez que um progresso surge no horizonte e resplandece sobre a Humanidade. As mesmas perseguições e os mesmos tratamentos acompanham os inovadores que lançam sobre o solo da nova geração os germes fecundos do progresso e da moral. É que toda inovação progressiva, ao levar à destruição de certos abusos, tem, necessariamente, por inimigos todos quanto estão interessados na manutenção desses abusos.

Mas Deus Todo-Poderoso, que conduz com infinita sabedoria os acontecimentos de onde deve surgir o progresso, inspirou Moisés; deu-lhe um poder que homem algum havia tido e, pela irradiação desse poder, cujos efeitos feriam os olhos dos mais incrédulos, Moisés adquiriu uma imensa influência sobre uma população que, confiando cegamente em seu destino, realizou um desses milagres, cuja impressão deveria perpetuar-se de geração em

geração, como lembrança imperecível do poder de Deus e de seu profeta.

A passagem do mar Vermelho foi o primeiro ato da libertação desse povo. Mas sua educação estava por fazer; era preciso domá-lo pela força do raciocínio e por milagres muitas vezes repetidos; era preciso inculcar-lhes a fé e a moral, ensinando-lhes a pôr a força e a confiança num Deus criador, ser imaterial, infinitamente bom e justo. Os quarenta anos de provações passados no deserto, em meio de privações, sofrimentos e vicissitudes de toda ordem, e os exemplos de insubordinação tão severamente reprimidos por uma justiça providencial, tudo contribuiu para desenvolver nele a fé nesse ser Todo-Poderoso, cuja mão, ora benfeitora, ora severa, punia quem O desafiasse.

No Monte Sinai ocorreu esta primeira revelação, este notável mistério, que surpreendeu o mundo, o subjugou e espalhou sobre a Terra os primeiros benefícios de uma moral que libertaria o Espírito das garras da carne e de um despotismo embrutecedor; que colocou o homem acima da esfera dos animais, dele fazendo um ser superior, capaz de elevar-se, pelo progresso, à suprema inteligência.

Os primeiros passos desse povo, que havia confiado seu destino ao *homem de Deus*, foram entravados por guerras, cujo efeito devia ser o germe fecundo de uma renovação social entre as populações que o combatiam. O judaísmo tornava-se o foco da luz, da inteligência e da liberdade, e irradiava um brilho extraordinário sobre todas as nações vizinhas, provocando ódio e hostilidade. Este resultado imediato estava nos desígnios de Deus; sem isso, o progresso teria sido muito lento. E, ao mesmo tempo que essas guerras fecundavam os germes do progresso, eram uma lição para os judeus, cuja fé reavivavam.

Esse povo, liberto de um outro e confiando irrefletidamente na conduta de um homem, que o surpreendera em

virtude de um poder miraculoso, tinha uma missão; era um povo predestinado.

Não é sem razão que foi dito: cumpria uma missão de que não se dava conta, nem ele, nem os outros povos; ia às cegas, executando sem compreender os desígnios da Providência. Essa árida missão foi cheia de fel e de amargura; seus apóstolos sofreram todas as humilhações possíveis, foram perseguidos, oprimidos, lapidados e dispersos, embora trouxessem consigo essa fé viva e inteligente, essa confiança em seu Deus, cujo poder haviam medido, cuja bondade haviam experimentado e cujas provas aceitavam, sobretudo as que deviam trazer à Humanidade os benefícios da civilização.

Eis os vossos apóstolos obscuros, ridicularizados, desprezados; eis os primeiros pioneiros da liberdade. Terão sofrido bastante, da sua saída do Egito até os nossos dias?

A hora da reabilitação não tardará a soar para eles, e não está longe o dia que haverá de saudar esses primeiros soldados da civilização moderna, com reconhecimento e veneração; far-se-á justiça aos descendentes dessas antigas famílias que, inabaláveis em sua fé, a levaram como dote a todas as nações onde Deus permitiu que fossem dispersados.

Quando Jesus-Cristo apareceu, era ainda um enviado de Deus; como Moisés, era um novo astro que surgia na Terra, retomando sua missão para dar-lhe continuidade, desenvolvê-la e adaptá-la ao progresso realizado. O próprio Cristo estava destinado a sofrer essa morte ignominiosa, cujas vias os judeus haviam preparado, desencadeando as suas circunstâncias, e cujo crime foi cometido pelos romanos. Deixai, porém, de considerar a história dos povos e dos homens como a haveis considerado até hoje. Em vosso orgulho, imaginai que foram eles que provocaram os acontecimentos que mudaram a face do mundo e esqueceis que há um Deus no Universo, regendo essa harmonia admirável, cujas leis

suportais, imaginando que a impondes vós mesmos. Olhai, assim, de um ponto mais elevado a História da Humanidade; abarcaí um horizonte mais vasto e notai que tudo segue um sistema único; a lei do progresso em cada século, e não em cada dia, vos leva a dar um passo.

Jesus-Cristo foi, pois, a segunda fase, a segunda revelação, e seus ensinamentos levaram dezoito séculos para se espalharem e se vulgarizarem. Por aí julgai quanto é lento o progresso e o que deveriam ser os homens quando Moisés trouxe ao mundo admirado a idéia de um Deus Todo-Poderoso, infinito e imaterial, cujo poder se tornava visível para esse povo, para quem sua missão trouxe tantos espinhos e tantas perturbações. O progresso não se realiza sem dificuldade; é à sua custa, é por seus sofrimentos e cruéis vicissitudes que a Humanidade toma consciência do objetivo do seu destino e do poder daquele a quem deve a existência.

Portanto, o Espiritismo foi o resultado da segunda revelação. Mas essa doutrina, cuja sublime moral o Cristo havia trazido e desenvolvido, tem sido compreendida em sua admirável simplicidade? De que modo é praticada pela maior parte dos que a professam? Nunca a desviaram de seu objetivo? Jamais abusaram dela, para que servisse de instrumento ao despotismo, à ambição e à cupidez? Numa palavra, todos os que se dizem cristãos o são conforme o seu fundador? Não! Eis por que eles também deviam passar pelo alambique da infelicidade, que tudo purifica. A História do Cristianismo é por demais moderna para contar todas as suas peripécias; mas, enfim, o objetivo está perto de ser alcançado, a nova aurora vai despontar e, por meios diferentes, vai fazer com que marcheis a passo mais rápido neste caminho, onde levastes seis mil anos para chegar.

O Espiritismo é o advento de uma era que verá realizar-se esta revolução nas idéias dos povos, uma vez que haverá de

destruir essas prevenções incompreensíveis, esses preconceitos imotivados, que acompanharam e seguem os judeus em sua longa e penosa peregrinação. Compreender-se-á que sofressem um destino providencial, do qual eram os instrumentos, assim como aqueles que os perseguiram com seu ódio o faziam impelidos pelo mesmo poder, cujos secretos desígnios deviam realizar-se por caminhos misteriosos e ignorados.

Sim, o Espiritismo é a Terceira Revelação. Revela-se a uma geração de homens mais adiantados, portadores das mais nobres aspirações, generosas e humanitárias, que devem concorrer para a fraternidade universal. Eis o novo destino assinalado por Deus para os vossos esforços; mas esse resultado, da mesma forma que os já atingidos até hoje, não será obtido sem dores e sem sofrimento. Que se ergam os que se sintam com coragem de ser seus apóstolos; que levantem a voz, falem alto e claro e exponham suas doutrinas; que ataquem os abusos e mostrem o seu objetivo. Esse objetivo não é a brilhante miragem que em vão perseguis; é real e o atingireis na época fixada por Deus. Talvez esteja distante, mas lá está determinada. Não temais; ide, apóstolos do progresso, marchai corajosamente, a frente erguida e o coração resignado. Tendes por sustentáculo uma doutrina completamente isenta de mistérios, que faz apelo às mais belas virtudes da alma e oferece essa certeza consoladora de que a alma não morre nunca, sobrevivendo à morte e aos suplícios.

Eis, meus amigos, o objetivo desvendado. Perguntareis: Quais os apóstolos? Como os reconheceremos? Deus se encarrega de vo-los tornar conhecidos, por missões que lhes serão confiadas e que haverão de realizar. Reconhecê-los-ei por suas obras, e não pelas qualidades que se atribuem. Os que recebem missões do alto as cumprem, mas não se glorificam, porque Deus escolhe os humildes para difundir a sua palavra, e não os ambiciosos e orgulhosos. Por estes sinais reconheceréis os falsos profetas.

*Edouard Peryre*

## Variedades

### NOTÍCIA FALSA

Um jornal, não sabemos de que país, publicou há algum tempo e, ao que parece, outros o repetiram, que deveria realizar-se uma conferência solene sobre o Espiritismo, entre os Srs. Home, Marcillet, Squire, Delaage, Sardou, Allan Kardec, etc., etc. Àqueles dos nossos leitores que porventura tenham ouvido falar do assunto, informamos que nem tudo quanto se imprime é palavra do Evangelho, mesmo que saia num jornal. Trata-se simplesmente de notícia falsa, condimentada pela malícia. É uma pena que tenham esquecido de pôr espírito no tempero. Aliás, não nos surpreenderíamos se um dia víssemos publicadas as decisões desse congresso e mesmo citadas palavras que ali teriam sido pronunciadas. Isto não custará nada e, em falta de coisa melhor, encherá as colunas do jornal.

*Allan Kardec*

